

LÉ "O TÊXTIL"

DIVULGA "O TÊXTIL"
ESTE É O TEU JORNAL

RECOLHE DINHEIRO
PARA "O TÊXTIL"

ANO 16° N° 63 2ª SÉRIE OUTUBRO DE 1971 PREÇO \$50



O G
TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

Só a luta pode pôr termo às manobras da FNIL e do Governo para arrastar a negociação das alterações ao C.C.T.

As manobras da FNIL e do Governo para arrastarem as negociações das alterações ao Contrato Colectivo do Trabalho, tem a classe que responder com acções decididas.

É sabido por experiência que o patronato e o Governo não calem a não ser pela força da luta dos trabalhadores. Aguardar do braço caído, e fazer o jogo que eles querem.

Não basta, porém, que em grupos se critique a actuação da direcção do Sindicato "caso da Covilhã" e se comente a difícil situação de cada um perante o brutal agravamento do custo de vida. Não chega dizer-se que "o patronato e o Governo são isto e aquilo".

Ao patronato e ao Governo não importa os nossos problemas, por maiores que sejam, apesar das afirmações demagógicas que fazem. A eles, evidentemente, só interessa que os trabalhadores produzam cada vez mais para que os lucros aumentem. Daí a exigência de maior ritmo de trabalho, dos prémios de produção, da apregoadá conciliação do trabalho e do capital, etc. Digam o que quiserem, temos que os encarar como aquilo que são: inimigos de classe. Não há qualquer conciliação entre o capital e o trabalho. Nada, portanto, de ilusões!

Só a nossa unidade na acção, a nossa luta decidida e constante os pode derrotar. Para isso há que sacudir os

receios que nos tolm, os comodismos que nos imobilizam, a passividade que só a eles interessa e beneficia.

Os exemplos dados pelos colegas da Sociedade de Fabricantes (Tortozendo), que paralizaram o trabalho no dia 28 de Agosto para reivindicarem aumentos de salário, e pelos operários de Gouveia e de Tortozendo, que enviaram ao ministro das Corporações exposições para denunciar as manobras dilatórias que impedem a entrada imediata em vigor das alterações ao Contrato Colectivo do Trabalho, impõe-se que sejam apoiadas com outras acções!

Abaixo-assinados, pequenas paralizações, «cera», concentrações nos Sindicatos, greves onde haja condições para as fazer, etc., são formas de luta que se devem multiplicar.

A luta é a nossa arma. Só através dela podemos forçar o patronato e o Governo a satisfazer as nossas reivindicações.

É na empresa e no Sindicato, que temos que, desde já, fazer ouvir a nossa voz!

Há que transformar o descontentamento que cada um

sente em amplas acções colectivas!

As comissões de unidade de empresa, de zona e de classe, devem ser formas de organização para traçar a orientação dessas acções e dirigir a luta. Devem ser formadas por operários honestos, corajosos e firmes.

Os colegas da Covilhã, devem urgentemente constituir uma Comissão Sindical para tratar da apresentação de uma lista para a direcção do Sindicato. Tendo presente a experiência das eleições anteriores, que colocaram no Sindicato uma direcção que se mostrou ser de traidores à classe, a lista para as eleições do próximo ano deve ser constituída por homens honrados e firmes.

Combatamos a ideia posta a circular de que entre a classe não há homens suficientemente experientes e cultos para fazerem parte duma direcção. O fundamental, é que sejam honrados e firmes, coisas que não são os actuais dirigentes do Sindicato, apesar da sua «experiência» e «cultura».

Avante, colegas. Unidos e organizados, venceremos!

POR ELEIÇÕES IMEDIATAS NO SINDICATO DO PORTO

A actual lei sindical fascista determina que o prazo máximo em que podem vigorar as comissões administrativas é de 6 meses. Porém, no Sindicato do Porto tal situação tende a eternizar-se a coberto de toda uma série de alcapões introduzidos na lei para que esta sirva não aos operários mas unicamente aos patrões.

Com o mês de Outubro, terminaram as férias judiciais. Por esta razão, toda a classe deve ser mobilizada para exigir que o Supremo Tribunal Administrativo reúna imediatamente e confirme a decisão do Tribunal de Trabalho do Porto, o qual considerou legal a lista B apresentada pela classe.

Esta é a única decisão que os operários têxteis podem aceitar e têm que exigir. Mas se não se unirem, se não lutarem, correm o risco de que o patronato lance mão de outras manobras tendentes a adiar uma vez mais a realização de eleições que escoracem a comissão administrativa laica e ponha a frente do Sindicato uma direcção de confiança dos trabalhadores.

Não devem também os têxteis do Porto deixar-se levar por facilidades que só ao patronato podem servir. Está neste caso a aceitação da ideia de que a lista fascista está por demais desacreditada e que não operá resistência. Que ela esteja desacreditada, pode ser um facto. Mas não esquecer que o patronato tem um grande campo de manobra e serve-se de

todos os meios para vencer os trabalhadores. Nada de ilusões, pois. A luta sindical em fascismo, não é fácil. Que a experiência vivida desde que a classe apresentou uma lista sua às eleições seja devidamente aproveitada.

Só a luta de massas, só a mobilização de toda a classe, pode fazer recuar o patronato e o fascismo. Unidos e organizados, somos uma força. Sem unidade e sem organização, estamos à mercê do inimigo de classe.

Organizemos desde já em cada empresa comissões de apoio à lista B — a nossa lista. É preciso desencadear imediatamente de novo todo um amplo trabalho de esclarecimento e propaganda que mobilize os operários e as operárias têxteis do Porto para colocarem uma direcção honesta à frente do Sindicato.

Quando, em virtude da luta dos trabalhadores, como se tem vindo a verificar nos últimos tempos, as leis fascistas não são já suficientes para que o patronato explore a classe operária sem resistência por parte desta, o Governo passa por cima das suas próprias leis e comete todas as ilegalidades, todas as arbitrariedades, todos os abusos.

É assim que, nos últimos meses, se assistiu à prisão de dirigentes sindicais prestigeados, ao encerramento de sindicatos, à nomeação de comissões administrativas, à proibição de reuniões sindi-

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Quando, em fins de junho, o dirigente do Sindicato dos Bancários de Lisboa, DANIEL CABRITA, foi preso pela PIDE-DGS, um grupo de operários têxteis reunido no Sindicato do Porto enviou um telegrama de protesto ao subsecretário de Estado das Corporações e outro à direcção do Sindicato dos Bancários de Lisboa solidarizando-se com a sua acção a favor do dirigente sindical preso.

OIÇA

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente das 8 às 8,50 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros e da meia noite e vinte e meia noite e cinquenta em 26, 32 e 56 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 15,50 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Liberdade Sindical Abaixo a Repressão

cais. Mas assistiu-se também a extraordinárias manifestações de solidariedade operária que o fascismo foi impotente para impedir. Essa solidariedade traduziu-se em apoio moral e material prestado aos presos, em cartas, abaixo-assinados e reuniões de protesto, em manifestações de rua, em paralizações de trabalho. Tais acções honram os trabalhadores que as realizaram. Este é o caminho a seguir sempre que a repressão patronal ou governamental se abata sobre quem quer que seja.

Abaixo a repressão!

LUTAS DA CLASSE TÊXTIL

Paralização por aumento de salário

TORTOZENDO—No dia 28 de Agosto, os operários da Sociedade de Fabricantes, Lda., cada vez mais descontentes porque o contrato colectivo de trabalho há muito tempo em negociação tarda em ser assinado, paralizaram o trabalho durante 50 minutos e reclamaram aumento geral de salário junto da gerência. Esta pretendia receber apenas 5 ou 4 operários, mas os trabalhadores exigiram a presença de todos, o que conseguiram. Como sempre procuram fazer, a gerência pretendeu amolecer a combatividade dos operários, dizendo que o contrato seria em breve assinado. Fartos destas manobras do patronato e dos entraves postos à assinatura do contrato tanto pela FNIL (Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios) como pelo Governo, os operários insistiram por aumento de salário, com contrato ou sem contrato. A gerência acabou por prometer estudar a reclamação. Algum tempo depois, constou que o pessoal da secção de confecções iria ser aumentado. Sem dúvida que se trata de mais uma manobra, por um lado para entreter os operários e, por outro, para tentar dividi-los ao anunciar aumento apenas para uma parte deles.

Os trabalhadores não devem deixar-se enganar nem dividir. Todos unidos, devem continuar a reclamar aumento geral de salário.

GOUVEIA—Mais de 1.000 operários enviaram ao ministro das Corporações uma exposição, protestando contra a demora da assinatura do contrato colectivo de trabalho e reclamando a sua entrada em vigor.

TORTOZENDO—Também 600 operários desta localidade enviaram ao ministro das Corporações uma exposição idêntica, reclamando contra os entraves postos pela FNIL e pelo Governo à assinatura do contrato.

PORTO—Na Empresa de Fiação e Têxtil de Jacinto, as tecedeiras e fiandeiras que trabalham de empolada têm vindo a reclamar contra o facto de o subsídio de férias não lhe ser pago de acordo com o que estipula o contrato colectivo de trabalho, o qual determina que tal subsídio não pode ser inferior ao salário base dos operários trabalhando a jorna. Já reclamaram junto do I.N.T., mas como aqui nada conseguiram, fala-se em que irão recorrer ao Tribunal de Trabalho.

RIBA DE AVE—Tanto na empresa Oliveira & Ferreira como na Sampaio Ferreira, os operários trabalham em turnos de 8 horas seguidas. Segundo a lei, o patrão é obrigado a conceder meia hora para que os operários possam comer. Porém, acontece que, tanto numa como noutra empresa, os operários são obrigados a comer enquanto trabalham, pelo que o patrão beneficia assim escandalosamente de meia hora que não paga aos operários, o que é um roubo. Este facto tem vindo a suscitar protestos por parte dos trabalhadores, que reclamam a meia hora que lhes é devida.

PEVIDÉM—Em meados de Julho, circulou entre o pessoal metalúrgico da Coelima um abaixo-assinado reivindicando aumento de salário. Foi prometido aumento para o fim do ano.

ARBITRARIEDADES CONTRA AS QUAIS É PRECISO LUTAR

JOSÉ RIBEIRA, Lda. (Senhora da Hora)—Sempre que uma operária se encontra doente e necessita de "baixa" se não avisa no próprio dia o patrão, corre o risco de ver os dias de baixa serem considerados como faltas não justificadas, a coberto de uma cláusula do novo contrato assinado pela comissão administrativa do Sindicato. Com base em tais "faltas não justificadas" algumas operárias mais idosas têm sido despedidas sem qualquer indemnização. Acontece também que, por vezes, ao regressarem ao trabalho depois de terem estado doentes, as operárias não são logo readmitidas ao trabalho, sendo mandadas estar em casa mais tempo, com manifesto prejuizo do seu salário. Casos destes, têm-se passado até com operárias que regressam ao trabalho

após o parto.

Estas e outras arbitrariedades são levadas à prática por um tal Carlos, chefe dos serviços de esportivo, um verdadeiro rafeiro ao serviço do patrão, inimigo dos trabalhadores, ao qual deve ser votado o maior desprezo.

EMPRESA FABRIL DO NORTE (Senhora da Hora)—Nesta empresa não está a ser feito o pagamento do salário mínimo de acordo com o contrato colectivo de trabalho em vigor. Os salários estão a ser pagos na base do antigo salário mínimo, que ronda os 40\$00 por dia.

REPRESSÃO PATRONAL

Uma das formas usadas pelos capitalistas para tentar entrar o movimento reivindicativo dos trabalhadores, é o de procurarem pôr todos os meios isolares, para mais facilmente combater, aqueles homens que mais se destacam na defesa dos interesses da classe, ou que, pela confiança que merecem aos seus colegas de trabalho, são por eles eleitos como seus legítimos representantes.

Exercendo sobre eles pressões de toda a espécie, o patronato pretende, através disso, por um lado, quebrar a sua resistência e combatividade, levando-os à capitulação e ao compromisso, ao mesmo tempo que, por outro lado, lança nos restantes o medo e a descrença, para mais facilmente continuar a sua exploração.

Os métodos usados, são vários. Uma vez são os despedimentos abusivos, outras a provocação de dificuldades de toda a ordem no exercício da sua actividade, outras ainda a discriminação salarial.

Este último aspecto, é o que está a ser usado, presentemente, pelos senhores da RIOPELE e que se preparam também para pôr em prática os da OLIVEIRA & FERREIRA.

No primeiro caso (Riopele), todos os operários foram aumentados menos aquele que pertencia à lista da classe que recentemente concorreu às eleições para a secção sindical de Famalicão. Na Oliveira & Ferreira, são as ameaças que são feitas a outros elementos pertencentes também à lista da classe e que, devido à sua actividade sindical — segundo dizem descaradamente os patrões — não serão aumentados, salvo no que a lei estipular.

Temos pois mais um exem-

plo de como a demagogia liberalizante de M. Caetano e dos seus ministros é, diariamente, posta a nu pela luta reivindicativa dos trabalhadores. No campo da actividade sindical, procura-se travar todo um movimento que se alargou às mais diversas classes profissionais e sectores, onde os trabalhadores, elegendo homens de sua confiança para as direcções sindicais, deram uma nova face às negociações dos Contratos Colectivos de Trabalho e à defesa doutros interesses da classe, pondo em causa algumas das peias do corporativismo.

Perante todo este movimento de massas, desapareceu a máscara liberalizante de Marcello Caetano e dos seus ministros, puzeram-se de lado as discursatas onde se «apelava» demagógicamente para «sindicatos fortes, ambiciosos, activos e etc.», para se lançar mão a toda uma série de medidas de repressão e intimidação, de molde a garantir a continuação em «boa ordem» da desenfreada exploração dos capitalistas.

Neste caso, como o aproveitamento dos alcapões da lei sindical fascista não se revelaram suficientes para quebrar a actividade sindical da classe, não se hesitou em recorrer a outros meios de pressão para garantir a tranquilidade da exploração e a acumulação dos super-lucros. Daí que as ameaças e as represálias não tardassem a cair sobre os trabalhadores eleitos como legítimos representantes dos seus camaradas de trabalho.

O objectivo destas medidas, postas em prática pelos patrões é, pois, o de, como sempre tentarem isolar os representantes dos trabalhadores para, mais facilmente, quebrar a sua resistência, o seu espírito de luta, procurando levá-los para uma posição de desinteresse, de descrença e de abandono, que neste caso significaria, para já, re-entrarem à luta sindical que levasse à colocação duma direcção da confiança dos trabalhadores à frente da secção sindical.

Ao mesmo tempo que põem em prática estes métodos, os patrões vão dando pequenos aumentos, procurando com isso dar a falsa ideia de que não é necessário lutar para conseguir o que se pretende, ao mesmo tempo também que procuram assim a unidade da classe até então mantida. Alerta, pois, operários têxteis!

Em toda a luta dos trabalhadores, a unidade deve ser mantida acima de tudo, porque ela será sempre factor importante para se alcançar a vitória.

Os operários têxteis não devem permitir que sobre os seus futuros dirigentes sindicais ou sobre qualquer colega que, abnegadamente, defenda os interesses de todos, seja feita qualquer discriminação ou exercida qualquer represália. Quando tais casos se verificarem, a unidade de todos deve fazer-se à volta dos operários atingidos. Só assim, só mantendo a todo o custo a unidade da classe, se conseguirão alcançar novas e mais importantes vitórias na nossa luta.